

# Plano de Fuga

planodefuga@timeout.com

## Viagem ao centro da Terra no Torel 1884

Instalado no centro histórico, o irmão mais novo do grupo Torel acaba de ocupar um edifício de 1884 onde antes havia um banco e que é agora porta de entrada para um mundo de descobertas. *Nelma Viana* foi a três continentes sem sair do Porto e conta-lhe como foi.



**EM A VIAGEM DO ELEFANTE,** José Saramago conta a história de Salomão, um elefante nascido em Goa a viver em Lisboa, em meados do século XVI, que D. João III decide oferecer ao primo, Maximiliano da Áustria, como presente de casamento. A história é real com uns pozinhos de ficção, que o autor decidiu juntar ao enredo para atacar, entre outras coisas, a necessidade que Portugal tinha, na altura, de parecer bem no contexto europeu, mostrando e ofertando as riquezas usurpadas – perdão, trazidas – das geografias longínquas por onde o império ia passando.

Foi com esta história que Ingrid Koeck, austríaca e uma das sócias do grupo Torel Boutiques, apresentou uma das doze suítes do novo Torel 1884, acabado de abrir na zona histórica do Porto, num palacete do século XIX (construído justamente em 1884) onde antes funcionou uma agência bancária. África, Américas e Ásia servem de inspiração a cada um dos três pisos do hotel, cuja entrada é também



um convite a viajar no tempo e a conhecer as descobertas portuguesas ao longo da História e que agora identificam cada um dos quartos. Pássaros Exóticos, Tabaco, Café, Sedas, Porcelanas, Chá e Salomão, entre outros, relembram a época de ouro da grande epopeia com uma elegância exótica que se estende aos espaços comuns.

Mas antes, falemos do hall de entrada. Num cenário que podia ser a fazenda no Quênia que serve de cenário ao filme *África Minha* escondem-se, entre plantas tropicais, duas coleções de esculturas de cabeças humanas assinadas por João Pedro Rodrigues, que se enfrentam parede com parede numa representação algo filosófica sobre os mundos material e imaterial. De um lado aquilo que vemos e de que dispomos, do outro tudo o que nos representa mas que não é palpável – com uma forte alusão às musas de Camões e à curiosidade e coragem femininas ao longo da História.

Passa-se o primeiro arco do edifício e chega-se a uma imponente escadaria que deixa ver os varandins de cada piso, iluminados naturalmente por uma claraboia. Do que era antigamente manteve-se praticamente tudo no mesmo sítio. Aliás, a preservação do



edifício para deixar brilhar o que já lá estava foi a única regra imposta durante as obras de remodelação. Os tectos altos, o corrimão de madeira e ferro, as portas com grandes chaves de ferro, o chão de tábuas corridas que ainda range quando se passa

e as janelas rasgadas para os estendais das primeiras casas que começam a descer para a Ribeira mantiveram-se, em respeito à arquitectura da zona antiga da cidade, e serviram de tela em branco para o que viria a ocupar o espaço. As banheiras

ao pé da cama, os reposteiros de serapilheira, as paredes forradas a palhinha, os tapetes berberes e os móveis de madeira escura cruzam-se numa amálgama de estilos exótico e tradicional que representam também o Porto como está hoje: →

## Plano de Fuga

cosmopolita e virado para o mundo. A título de curiosidade, vale a pena visitar a casa de banho do quarto "Pássaros Exóticos" só para se perder no papel de parede com araras, papagaios e outras espécies que estamos longe, longíssimo, de saber identificar, camufladas em verdes tropicais que também só conhecemos da televisão e que combinam lindamente com o lavatório em latão e as loiças e torneiras antigas. Foi entretanto eleita por uma publicação internacional como uma das casas de banho mais bonitas do mundo. Sem grande espanto, portanto.

No último piso está a "Biblioteca sob as estrelas", um cantinho com livros de História antigos em várias línguas (também há exemplares em japonês), poltronas e sofás de veludo e um *honesty bar* discretamente guardado numa mala antiga, daquelas que os grandes senhores dispunham para, precisamente, transportarem as espirituosas durante as viagens.

No Bartolomeu Wine Bistrô, no piso térreo, num cenário onde se encontram as memórias dos três continentes, servem-se o pequeno-almoço e refeições leves, e dá-se a conhecer a excelência dos vinhos portugueses – os títulos mais valiosos estão guardados no antigo cofre do banco, agora transformado em garrafeira e sala de provas. ■

→ Rua Mouzinho da Silveira, 228, Porto. 22 600 1783. Desde 120€ com pequeno-almoço incluído



## JÁ QUE AQUI ESTÁ

### Sugestões de coisas para fazer na rua do hotel

#### UMA VIAGEM DE ALFA PENDULAR

Lisboa-Porto tem o custo de 31,20€ – um absurdo, portanto, para cumprir os 312 quilómetros que separam as duas cidades. Não vamos entrar pela questão do wifi que é prometido mas cuja ligação nunca é possível estabelecer, nem sequer da falta das tomadas anunciadas pela companhia. Vamos antes apelar a eco-responsabilidade do leitor e defender a utilização dos transportes públicos como a mais amiga do ambiente. E a mais cara também. Adiante.

Saindo da Estação de São Bento em direcção à Rua de Mouzinho da Silveira – que está ali a três minutos a pé – há duas paragens obrigatórias: a primeira na pastelaria Sabores da Invicta (Praça de Almeida Garrett, 16), logo do outro lado da rua, só para ver uma das melhores/piiores ideias no que à pastelaria diz respeito. Na montra aparece um lanche XXL (o que seria uma merenda em Lisboa), um bicho de quase meio quilo recheado com carnes frias, alface, milho, queijo e batata palha, a qual se juntam os inusitados sabores de bacalhau e bifana. É bom? Não sabemos, ainda não fomos capazes de digerir a ideia, quanto mais o produto. Depois, segundo *checkpoint* que obriga a um pequeno desvio pela Confeitaria Serrana (Rua do Loureiro, 52), que por fora é igual a qualquer café mal desenhado nos anos 80 mas que esconde por dentro um varandim de ferro de estilo Arte Nova, um conjunto de anjos esculpidos por José de Oliveira Ferreira e um quadro de Acácio Lino. Já na Rua de Mouzinho da



Pastelaria Sabores da Invicta



daTerra

Silveira encontra muito por onde comer. E bem. Há um discreto duelo de titãs entre José Avillez e Henrique Sá Pessoa, que se colocam quase frente a frente com as suas propostas de *casual dining*, com os restaurantes Cantinho do Avillez (Rua de Mouzinho da Silveira, 166) e Tapisco (Rua de Mouzinho da Silveira, 165), respectivamente.

Em alternativa, o restaurante da Terra (Rua de Mouzinho da Silveira, 249) está aberto todos os dias até às 23.00 e além de servir o melhor e mais variado buffet vegetariano da cidade, tem um plano de workshops de cozinha que podem ser de brunch saudável, de bolos e queijos veganos, e vinhos biológicos – passe pelo site da casa para estar a par das datas. ■